

» CB.Poder | **GILBERTO KASSAB** | PRESIDENTE NACIONAL DO PSD

Dirigente adverte: Lula e Flávio Bolsonaro chegam à disputa presidencial com alta rejeição, o que tende a favorecer Caiado

**“Eleição não está consolidada”**» ANA MARIA CAMPOS  
» DENISE ROTHENBURG  
» CAETANO YAMAMOTO\*

Ed Alves/CB/D.A Press



O presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, considera precipitado dizer que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) são os favoritos para estarem no segundo turno da eleição presidencial, conforme vêm apontando as pesquisas de opinião. Primeiramente, porque a disputa eleitoral nem começou e, em segundo, porque ambos são nomes que têm um grande passivo político — daí a rejeição que apresentam, nos levantamentos. Isso, segundo Kassab, abre uma grande oportunidade para Ronaldo Caiado, que chega à disputa como um dos governadores mais bem-avaliados do país. Na entrevista concedida ontem ao CB.Poder Especial — uma parceria entre Correio e TV Brasília —, o presidente do PSD adianta o que será relevante na corrida ao Palácio do Planalto e, ainda, as estratégias do partido para a montagem de palanques em todo o país. A seguir, os principais trechos da conversa.

**Se a eleição presidencial fosse hoje, teríamos dois candidatos indo para o segundo turno: Lula e Flávio Bolsonaro. O país apresenta dificuldade em sair da polarização. Que avaliação o senhor faz desse quadro de largada?**

Discordo de que eles estão indo para o segundo turno. A pré-campanha ainda não começou, muito menos a campanha. Todos sabemos que quem possui recall sai na frente. E quem possui recall? Quem já foi candidato ao cargo que está disputando. Lula é candidato pela sétima vez à Presidência da República e Bolsonaro foi presidente e já foi candidato. Os outros nunca foram candidatos. O Caiado foi candidato em 1989, mas ninguém lembra. O crescimento só acontece durante a campanha. A eleição está polarizada, mas não está consolidada. Vamos relembrar alguns fatos, como a minha própria reeleição para prefeito. Tinha 3% de intenções de voto nesta época do ano, o Geraldo Alckmin tinha 40% e a Marta Suplicy, 30 e poucos por cento. Acabei em primeiro lugar no primeiro turno. O Bolsonaro começou com 3% e ganhou a eleição. É verdade que o Bolsonaro teve o episódio da facada, que o tornou conhecido, mas estava crescendo e, naquele momento, tinha cerca de 20%. Devemos ter muito cuidado, pois a campanha tem dois candidatos que possuem recall e estão na frente hoje, mas que também têm uma rejeição muito grande. A rejeição do presidente Lula é superior a 40%, assim como a rejeição de Flávio Bolsonaro. Alguém pode pensar que um candidato com 40% de rejeição terá facilidade para ganhar a eleição. Pode até ganhar, mas acredito que o eleitor realmente deseja mudar. Se deseja mudar, escolherá alguém que não foi candidato ou não foi presidente.

**O ex-governador Ronaldo Caiado tem um perfil de direita e imaginamos que ele crescerá sobre o eleitorado de Flávio. É difícil imaginar que o eleitor de Lula migre para Caiado. Qual será a estratégia para atrair esses eleitores?**

Na cabeça do eleitor, só existem dois candidatos: Lula e Flávio Bolsonaro. Entre os aproximadamente 40% de intenções de voto que o Lula possui, há muita gente que vota nele apenas porque não quer ouvir falar em Flávio Bolsonaro. No momento em que houver uma alternativa — e existem várias, sendo o Caiado uma delas —, esse eleitor pode deixar de votar no Lula. Concordo que menos pessoas deixarão Lula para apoiar Caiado do que pessoas que deixarão Flávio Bolsonaro para apoiar o Caiado, pois o perfil do Caiado é mais próximo de um candidato de centro-direita. Caiado tem um histórico de ser conservador na política e um liberal de

centro-direita. No início da carreira, identificava-se como de direita. Mas, nesta eleição, como Flávio Bolsonaro ocupa o espaço da direita, ele naturalmente empurrou o Caiado para o centro.

**Quando Caiado começa falando em anistia para o bolsonarismo, para o Bolsonaro e para os atos condenados pelos autos golpistas, não sinaliza vinculação com Bolsonaro?**

Não. Ele quis tirar esse tema da frente porque é algo recorrente — só se fala nisso no Brasil desde o dia 8 de janeiro de 2023. Como é um tema que certamente faria parte da campanha, ele o endereçou. Até porque, caso vença as eleições, e o bolsonarismo peça algo como contrapartida, isso causaria barulho. Então, deixou clara a posição. Vamos discutir o plano de governo. Convidou uma excelente pessoa para coordenar o plano de governo: Roberto Brandt. Foi deputado por Minas Gerais e ministro de Fernando Henrique Cardoso; é uma das pessoas mais bem preparadas do país. Foi um dos grandes responsáveis pelo projeto “Ponte para o Futuro”, do presidente Temer. O próprio presidente Temer reconheceu isso publicamente, ainda ontem, na cidade de Itu (SP), ao cumprimentar Caiado pela escolha. Esse é o diferencial do Caiado: possui consistência e experiência, o que levará o eleitor a reavaliar a posição de votar em Flávio ou em Lula.

**Estão mencionando seu nome para vice de Caiado. O senhor deixaria de organizar o partido para ocupar esse posto?**

Nossa prioridade é cuidar da campanha. Essas observações feitas por alguns decorrem do fato de a candidatura do Caiado ser, possivelmente, de partido único. Não estamos procurando aliados, embora, se nos procurarem, analisaremos a situação. Nosso nome está à disposição, mas não é prioridade.

**Qual seria o perfil do vice?**

Tínhamos muita pressa em escolher o candidato porque tínhamos três que eram governadores — aliás, os três mais bem-avaliados do Brasil: Eduardo Leite, no Rio Grande do Sul; Ratinho Júnior, no Paraná; e Caiado, em Goiás. Para serem candidatos, precisam renunciar aos mandatos. A partir do momento em que definimos o Caiado, não temos mais pressa, pois a convenção é em julho. O perfil será de uma pessoa que ajude o

**Caiado foi candidato em 1989, mas ninguém lembra. O crescimento só acontece durante a campanha. A eleição está polarizada, mas não está consolidada”**

**“A corrupção e a falta de reformas recaem sobre os ombros de Bolsonaro e de Lula. Essa é a razão da rejeição: eles foram governo. Vi uma pesquisa qualitativa em que um jovem questionava ao ver o Flávio falar em combater a corrupção. Essa dúvida surge quando se vê alguém que ainda não teve a chance em comparação a dois que deixaram a desejar”**

**“O Judiciário integra o conjunto de reformas que o candidato deve assumir o compromisso de promover, algo que nem Lula nem Bolsonaro fizeram como presidentes. Uma pessoa como o Caiado tem muito mais condições de realizar essas mudanças”**

Caiado a ganhar as eleições e que também o ajude a administrar e governar.

**O Caiado que vem para a campanha é mais moderado?**

Ele sempre foi moderado. Você pode analisar o histórico do Caiado como deputado federal e senador. Sempre foi um homem de diálogo, assim como tem sido como governador. Sempre foi uma pessoa de diálogo. Ele é assim.

**O ex-governador de Minas Gerais, Romeu Zema, entrou em atrito com o ministro Gilmar Mendes e tem criticado muito o Supremo Tribunal Federal. Esse também será um tema forte na campanha. Qual será a postura do Caiado em relação ao Judiciário?**

Estou percorrendo o Brasil e a indignação do brasileiro é muito grande. Caiado leva vantagem porque o PT não pode dar essas respostas. O PT dirá o quê? Que vai acabar com a corrupção? Mas eles já estão no quinto governo. O Bolsonaro diz: “Vou acabar com a corrupção”. Mas por que não acabou no

governo dele? Quando o eleitor perceber que há uma alternativa — e hoje não há —, pensará: “Bolsonaro disse que acabaria com a corrupção e não acabou; o Lula também não. Vamos dar uma oportunidade ao Caiado, que não tem nenhuma denúncia em 40 anos de vida pública”. Foram governo e apenas engordaram o Estado, criando mais cargos.

**Caiado fala a linguagem da população?**

Ele fez o que a população deseja. Tornou Goiás o estado mais seguro do Brasil. Esse é seu diferencial. Todos conhecemos diariamente pessoas que foram vítimas de assalto. A insegurança está espalhada por todo o Brasil, exceto em Goiás.

**Esse será o carro-chefe da campanha?**

Não. O carro-chefe é mostrar quem é o Caiado: uma pessoa experiente, honesta, que foi um excelente governador e que terá capacidade de montar uma grande equipe. Ele já começou isso no plano de governo ao convidar Roberto Brant.

**O senhor declarou que apoiará a reeleição do (governador de São Paulo) Tarcísio (de Freitas). Mas ele apoiará Flávio Bolsonaro...**

Em 2018, apoiei o João Dória e, no nosso entendimento, caberia ao PSD indicar o vice. O crescimento dele começou muito por conta do nosso apoio. Outros partidos começaram a aderir até que, em certo momento, um conjunto de partidos importantes para a campanha pediu a vaga de vice. Como queria a vitória do Dória, abrimos mão da vaga. O Rodrigo Garcia acabou sendo indicado e ficamos com a candidatura ao Senado. Na pré-campanha, o PSDB acabou não dando a legenda para a Mara Gabrilli, dando-a para o Ricardo Tripoli, um excelente parlamentar que hoje está no PSD. Disse que aquilo era um erro, pois aquela eleição tinha o perfil da Mara e seria uma homenagem da sociedade a todos os que têm deficiência. Abrimos mão do nosso candidato ao Senado para apoiar a Mara, que venceu pelo PSDB. As pessoas esquecem que já fizemos isso em 2018 com o Dória. Agora, apoiamos o Tarcísio. Ele tem sido um grande governador e conta com o nosso apoio.

**Qual será a receita da campanha para atrair os jovens a votarem em Caiado, que está na vida pública desde 1989?**

Em primeiro lugar, quero registrar que, nesta eleição, após muito tempo, o público na faixa etária acima de 40 anos é maior do que o público abaixo dessa idade. O jovem, felizmente, fica muito mais indignado do que as pessoas mais maduras com a corrupção e a falta de transparência. Essa é a razão pela qual as pesquisas identificam que, entre os eleitores de Lula e de Bolsonaro, o público jovem não é tão expressivo quanto em outras faixas etárias. É fundamental que o candidato demonstre a presença de inovação, tecnologia, pesquisa e inteligência artificial para que haja sintonia. Vejo isso mais presente no Caiado do que no Flávio Bolsonaro ou no Lula.

**O Arruda poderá ser candidato? Ele está elegível? O senhor deve ter consultado os juristas do partido sobre a situação dele, já que foi lançado pré-candidato ao governo. Explique se ele realmente conseguirá o registro da candidatura.**

Não sou advogado, portanto, exponho o que tenho ouvido de constitucionalistas, que nos tranquilizam quanto à possibilidade do

Arruda. Ele estaria amparado pela legislação e pelas alterações ocorridas nos últimos anos. E entre nós: se ele cometeu erros e cumpriu a punição, deve ser elegível. Diante de tudo o que estamos vendo, com cifras de bilhões, os erros dele parecem pequenos. Ele foi um grande governador, realizou grandes reformas e obras. Fazia uma dobradinha com o Paulo Octávio e, talvez, Brasília nunca tenha tido, em sua história, um governo tão realizador quanto o de Arruda e Paulo Octávio.

**Essa pré-candidatura do Arruda está bem assimilada pelo Paulo Octávio, visto que ele estava na base do governo Ibaneis?**

O Paulo Octávio é uma pessoa muito coerente. Não temos essa situação apenas aqui em Brasília. No Rio de Janeiro, o Eduardo Paes está próximo do Lula, mas o PSD nacional criará um comitê “Eduardo Paes e Ronaldo Caiado”. O Paulo Octávio tem uma relação de proximidade com o governo e não será desleal, mas ele tem a sabedoria de entender que a política se faz com partidos. Quando surge a disposição do Arruda em ser candidato a governador pelo PSD, incentivado pela direção nacional — buscamos candidatos em todos os estados —, o Paulo entendeu. Ele tem tido habilidade para manter um comportamento partidário correto com o governo, com a Celina Leão e com o Ibaneis Rocha. O PSD terá o Arruda como candidato.

**Que fragilidades que o senhor enxerga em Lula e Flávio?**

A identificação dos governos deles com a indignação da sociedade brasileira, especialmente em relação à falta de segurança. Ambos já foram presidentes. A corrupção e a falta de reformas recaem sobre os ombros de Bolsonaro e de Lula. Essa é a razão da rejeição: eles foram governo. Sempre surge aquela pergunta, especialmente entre os jovens. Vi uma pesquisa qualitativa em que um jovem, filho de um amigo meu, questionava ao ver o Flávio falar em combater a corrupção: “Mas tio, eles já não foram governo? Por que ele diz que vai fazer se não fez antes? Dá para acreditar?”. Essa dúvida surge quando se vê alguém que ainda não teve a chance, como o Caiado, em comparação a dois que tiveram e deixaram a desejar.

**O senhor mencionou o Eduardo Paes no Rio de Janeiro, que terá o comitê “Paes-Lula” e “Paes-Caiado”. Como será isso?**

O PSD não criará problemas, pois não há oportunismo nessas situações, apenas circunstâncias locais. Por exemplo: na Bahia, temos o Otto Alencar e o Antônio Britto, duas pessoas seríssimas. Ponho minha mão no fogo que o Otto está entre os cinco senadores mais respeitados; o Brito, entre os cinco deputados mais respeitados. Lá, historicamente, desde a fundação do PSD, eles são aliados do PT. O Otto, quando fundamos o partido, era vice-governador do Jaques Wagner. Portanto, é algo natural. Haverá comitês para o Caiado, para o ACM Neto e, eventualmente, até seguidores do Jerônimo Rodrigues poderão apoiar o Caiado. No Rio de Janeiro é a mesma coisa. As pessoas estão se estruturando para fazer um grande comitê e ninguém pode proibir, pois não é ilegal, já que são do mesmo partido. Teremos “Paes governador e Caiado presidente”. Em São Paulo, faremos o comitê “Tarcísio governador e Caiado presidente”, embora o candidato do Tarcísio seja Flávio.

**E o Supremo Tribunal Federal, como entra na campanha?**

O Judiciário integra o conjunto de reformas que o candidato deve assumir o compromisso de promover, algo que nem Lula nem Bolsonaro fizeram como presidentes. Uma pessoa como o Caiado tem muito mais condições de ter credibilidade junto ao eleitor para realizar essas mudanças. Em relação ao Judiciário, é a mesma coisa: é evidente que precisamos de reformas.

\*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi